

# Coluna do Castello

JORNAL DO BRASIL

## Avaliações sobre

### o futuro Congresso

Definida em linhas gerais a vertente em que se situa a sucessão de governadores nos estados, a composição do Congresso passa a ter suas perspectivas examinadas. Della depende a estabilidade do governo Collor a partir do próximo ano e é natural que se façam avaliações e especulações sobre as forças que deverão predominar no Senado e na Câmara depois das eleições. No Senado as alterações não serão substanciais, pois renova-se ali apenas um terço da representação, mas há a lamentar desde já a perda de alguns de seus expoentes. Por morte, Afonso Arinos e Luis Viana Filho. Por falta de condições político-eleitorais, Roberto Campos e Severo Gomes. Outros senadores de peso correm ainda riscos eleitorais graves. Na Câmara a renovação deverá ser superior a 50% da atual representação, segundo cuidadoso levantamento feito pelo *Correio Brasiliense*.

Tem-se como assentado que os dois principais partidos manterão suas respectivas posições. O PMDB, atualmente com 130 deputados, poderá sofrer pequena redução, possivelmente para 115 e o PFL deverá manter seus 90 representantes. Deve-se ter em conta todavia que por influência do poder Executivo ambos os partidos poderão ter alterada sua composição, mediante defecções e adesões. O PMDB, o mais instável, continua substancialmente dividido e a esquerda praticamente emigrou dos seus quadros. A eleição de três governadores peemedebistas de perfil centrista, ou pelo menos desengajados da luta que fizera deles aliados da esquerda — os do Amazonas, Pará e Goiás —, poderá influir para suavizar seu atual perfil oposicionista. Isso se agravará por novas deserções da esquerda remanescente. Admite-se também que a propalada liderança de Orestes Quérzia sobre o partido alterará sua definição política e ideológica.

O PFL pretende credenciar-se a acolher os migrantes do PMDB e de pequenas legendas que se situam na vertente governista. Tudo dependerá, porém, da orientação do presidente da República e de suas lideranças ativas. Há o pressuposto, respaldado pela posição do ministro Bernardo Cabral, que se demitiu do PMDB sem fazer nova opção partidária, de que Collor promoverá a aglutinação das forças que o apóiam num novo partido. A liderança do PFL reage a essa tendência e Marco Maciel e Hugo Napoleão lutam pelo fortalecimento do partido que deverá reforçar sua bancada de senadores, melhorar



sua posição relativa na Câmara e conquistar de oito a 10 governos estaduais.

Como forças aliadas ao presidente o PRN e o PTR deverão ampliar sua presença, principalmente o primeiro. Também o PTB, o PL e o PDC pode-

rão manter suas posições atuais e espera-se ainda a presença de deputados nas legendas menores, tanto as ideológicas quanto as mercenárias. O destino dessa gente está pendente, no entanto, da definição presidencial, pois nenhum desses partidos dispõe de apelo próprio nem de condições para resistir a uma articulação de escala. Para seus donos o problema será apenas o de preservar a legenda para uso oportuno. A representação parlamentar da esquerda é que parece destinada a sofrer modificações mais expressivas, contando-se como provável sua redução global.

A representação parlamentar da esquerda é composta no momento, segundo o consenso, pelas bancadas do PSDB, PDT, PT, PSB, PCB e PC do B. Os tucanos são hoje a terceira representação na Câmara, mas há indicações de que tende a diminuir o número deles. Mais do que isso, a eventual derrota do senador Mário Covas na luta pelo governo de São Paulo poderia liberar muitos de seus correligionários para seguir a tentação que os marca desde o ano passado e se realizarem politicamente numa colaboração com o presidente Collor. O PSDB, segundo a tendência de hoje, elegeria apenas o governador do Ceará, Ciro Gomes, patrocinado por Tasso Jereissati, um político que antes de tucanar examinava a hipótese de entrar no PRN. Por aí pode-se chegar a formas de social-democracia, não propriamente à esquerda, tal como ela é visualizada no Brasil.

O PDT e o PT deverão ter acrescidas suas bancadas, o primeiro por efeito principalmente da liderança de Brizola no Rio de Janeiro, e o segundo por crescimento vegetativo da legenda. O PSB, com o ingresso de Miguel Arrais, terá sua posição melhorada, com eleição de deputados também em outros estados além de Pernambuco. Os partidos comunistas poderão manter suas atuais representações e da Bahia vem a boa notícia de que melhora a posição eleitoral do deputado Fernando Santana, que representa com grande autenticidade essa corrente de opinião desde 1958. Apesar de cassado em 1964, ele voltou, como se sabe, em 1982.

Carlos Castello Branco